



Espírito da praxe que se vive em Coimbra

Praxes de recepção aos caloiros já incluem mimos aos turistas

A vulgarmente chamada "Recepção ao Caloiro", fenómeno mais divulgado de toda a praxe académica, nada mais é do que o abrir de portas de uma instituição secular, as faculdades do nosso país. A simples indicação do lugar das salas de aulas, dos docentes mais acarinhados (entenda-se os Professores Doutores mais pedagógicos), a indicação da existência algures de uma edição traduzida não oficial de um livro de estudo, da paciência em fornecer exames, frequências e apontamentos passados de todo o apoio que nunca é retratado na comunicação social, nunca poderá de boa-fé ser considerado como um atentado às garantias e liberdades individuais do ser humano. Este é o verdadeiro espírito da praxe na Universidade de Coimbra".

Manuel João Vaz
na introdução
ao Código da Praxe

Veteranos informam caloiros

Qualquer estudante pode negar-se a uma prática praxística sem que perca o direito a integrar e participar na tradição académica. Nos últimos anos sucedem-se esclarecimentos aos novos alunos, quase sempre desconhecedores das regras da praxe. Em informação à comunidade académica, o Conselho de Veteranos, que tem estado a funcionar na sala Sr. Xico (edifício da AAC, de terça a quinta-feira, das 15h00 às 20h00), lembra que «os caloiros não podem ser pintados», «nem obrigados a pagar nada». Podem, por outro lado, «usar capa e batina», observam os veteranos, ao lembrarem que os caloiros têm «plenos poderes para escolher o padrinho» e não podem ser impedidos de ir às aulas por motivos de praxe.

Novo ano Numa praxe que tem recebido apelos de bom senso e civismo, os estudantes acabam por envolver os muitos turistas do pólo I da UC, "integrando-os" com afectos inesperados

17h30 de segunda-feira: Praça da República repleta de caloiros e "doutores". 9h00 de ontem: Largo da Cruz de Celas cheio de estudantes em rituais de iniciação à vida académica. 15h00, também de ontem: grupos sucessivos de novos alunos acompanhados de mais antigos no pólo I da Universidade de Coimbra. A "recepção ao caloiro" muda a cidade e tem sido um movimento contínuo. Fomos "espreitar" e a primeira nota é para a simpatia e receptividade, perante jornalistas, de quem está a praxar, o que não era bem assim há uma década. Nada a esconder, portanto. A segunda é para a real intenção de integrar, percebida sem encenações. Até pode haver abusos, mas desde há anos que professores, veteranos e estudantes vêm passando a mensagem de que a praxe em Coimbra não é isso e o esforço parece estar a dar resultados.

«Descanse que aqui ninguém fica de quatro», atirou uma "doutora" na primeira abordagem, momentos antes de um "doutor" fazer uma cara estranha por haver quem diga que colocar um caloiro a olhar para o chão é humilhação. Há disciplina, sim senhor, admitem, mas também passagem de conhecimentos e integração.

Em frente à Biblioteca Geral, a Real e Adequadíssima Tertúlia As Brigadeiras (Faculdade de Direito) ensinava o respeito pela praxe. Um grupo de caloiros entoava cânticos (músicas da própria tertúlia, escritas por diferentes gerações de caloiros), mas também obedeciam a ordens: ao grito de turista, lá tinham de cercar um qualquer grupo de visitantes da UC, num repetido "i love you".

«Explicamos-lhes o que fazemos e se quiserem ficar na tertúlia passam por um julgamento».

"Doutores" vão dando a conhecer os espaços aos novos alunos sem, garantem, qualquer tipo de humilhação

mento, antes da Queima das Fitas», diriam Gisela Almeida e Catarina Soares, enquanto outras colegas orientavam as recém-chegadas à UC. O grito de "pão", percebeu-se depois, era ordem para abraçar um rapaz bonito. A integração, nesta fase, passa por dar a conhecer também espaços, através de jogos como a caça ao tesouro ou rally papers.

Não muito longe, junto às Letras, um grupo de estudantes dizia-se, a plenos pulmões, «uma malta do c...». Talvez se-



Novos alunos de História e Psicologia receberam ensinamentos em conjunto

jam. Noutro registo de educação, caloiros de Psicologia e de História formavam um só grupo, num acordo entre os respectivos núcleos de estudantes. Orientados pelos "doutores" Marco Cosme, Miguel Santos, Bruno Carvalho, Filipa Ferreira e Ana Roque (putos, semi-putos ou candieiros no Código da Praxe), os caloiros vinham já da Faculdade de Psicologia e tinham-se inteirado do que é a Sé Vêlha e o Museu Machado de Castro. Agora atravessavam a

Porta Férrea e, já no Pátio das Escolas, receberam explicações históricas do espaço, que documenta por si só muito do que foi e é a Universidade de Coimbra.

Por enquanto, o objectivo é «tomar os espaços menos estranhos» para os mais novos, explicou ao Diário de Coimbra Miguel Santos, ao mesmo tempo que são integrados, comunicam entre si e com os mais antigos. De resto, garantiram, «não há humilhações», tal como não houvera no

tempo em que foram caloiros, há dois/três anos. Ao fazerem o que lhes fizeram, não faltaram explicações sobre o significado do toque da Cabra no Código da Praxe, ou do que são trupes académicas.

Ana, caloiira de Direito, estava a gostar de tudo e entende que a praxe «é muito importante» para conhecer pessoas e coisas. Hugo também é caloiro em Coimbra, mas já passou por uma praxe, na Universidade do Algarve e, garante, «lá é bem pior». Melhor ou pior, lá

De el-rei D. Dinis ao ministro da Ciência

PRAXE E ANTI-PRAXE Mais um ano lectivo e Coimbra novamente a ferver de praxes académicas. É assim há séculos, se calhar há tantos como os da anti-praxe. Duas forças que evoluíram juntas, reconhecendo razões ali, adaptações acolá, resistências permanentes dos dois lados. A verdade é que, pela antiguidade, a praxe académica é Coimbra. Pelos valores que perseguiu e persegue, de disciplina e integração, por vezes com regras condenáveis.

Num resumo grosseiro, lembre-se que D. Dinis, fundador da UC, impôs desde logo, e já lá

vão 726 anos, horas de estudo e recolha dos estudantes. Criou-se uma polícia académica e prisão. Regras que tomaram o foro de tradição académica, a par de outras iniciações praxísticas que não andavam distantes do que se fazia popularmente e no mundo rural.

Quinhentos anos depois, no século XVIII, D. João V proíbe as praxes, devido à morte de um caloiro. Nesse século, no entanto, passa a ser um "direito" da praxe o escarro em grupo sobre um novo aluno. Abominável hoje e na altura, foi prática corrente e motivo de legítima

contestação. Um século depois surgiram as universidades de Lisboa e Porto e Coimbra quis fazer a diferença, radicalizando ainda mais a praxe. Consequentemente, a anti-praxe organizou-se, sobretudo depois de mais uma morte, em 1873.

Com o desaparecimento da polícia militar, entenderam os estudantes mais velhos que tinham o papel de educar os que chegavam. Surgem as trupes, extintas, como toda a praxe, com a chegada da República. Voltaria mais tarde, impulsionada pela resistência ao Estado Novo. O primeiro Código da

Praxe é de 1957. Doze anos mais tarde surge a crise académica de 1969, com luto estudantil contra o fascismo, que só terminaria pós-revolução de Abril de 1974. Em 1980 ressurgem as tradições e em 1990 acentuam-se as anti-praxes.

No entanto, multiplicaram-se as instituições de ensino superior, novas, sem referências históricas. Na introdução ao Código da Praxe considera-se que estudantes dessas instituições importaram práticas de Coimbra, deturpando-as, difundindo «praxes que de praxes nada têm». É provavelmente

neste contexto que o actual ministro da Ciência e Ensino Superior, Manuel Heitor, que nunca estudou em Coimbra, revela «repúdio total às praxes, qualquer que seja a sua forma», classificando-as como «praga» a combater. Num jeito quase militar, que uma juventude partidária já associou a atitudes do Estado Novo, o governante pede mesmo o «combate cerrado» à tradição académica.

João Luís Jesus, responsável máximo do Conselho de Veteranos da UC, órgão que tutela a praxe, diz que o ministro «pode fazer e dizer o que lhe apetece». Mas, ressalva o dux veterano-rum, o que ele diz «não é propriamente aquilo com que toda a gente concorda».



Caloiras de Direito distribuíram afectos pelos turistas

se vão integrando, ainda estranhando alguns termos, como uma caloira que foi perguntar ao archeiro o que eram os panos pretos ao cimo da Porta Férrea. «É dos rasganhos». Não perguntou mais nada, mas deu para entender que não sabia o que era e quem estava perto também não ajudou muito: «quando acabam o curso rasgam o fato académico, menos a capa, ficam só de roupa interior». E lá foi a caloira, que deveria a estar a participar num rally paper, a pensar que esta-

vam a brincar. O que até seria natural, porque, como diria um “doutor”, o objectivo é sério mas «brincar faz parte».

O Conselho de Veteranos, que esteve presente nas matrículas a dar esclarecimentos aos novos alunos, tem lançado apelos ao «bom senso e civismo em todas as situações relacionadas com a praxe». Sem queixas até agora, tem recebido, sim, muitos pedidos de esclarecimento sobre a hierarquia da praxe, adiantou o dux veteranorum João Luís Jesus. ◀

Código da Praxe em revisão

O Código da Praxe, que já foi designado de Código das Muitas Partidas ou Leis Extravagantes da Academia de Coimbra, está actualmente em processo de revisão. Porque o mundo muda e a praxe também. Dentro de um mês serão conhecidas as propostas e sugestões da comunidade académica para a revisão do código durante o período de discussão pública, aberto em Fevereiro e encerrado em Agosto.

Diz o dux veteranorum que houve poucas contribuições, o que, nota, já é habitual, geralmente só quando surgem propostas concretas é que a discussão ganha dimensão. A última revisão data de 2013, depois da reestruturação ao código de 2007, devido ao processo de Bolonha. Hoje, está regulada a “Praxe de Gozo do Caloiro” e «a efectiva fiscalização do exercício da praxe». Nesta nova alteração, depois de oito anos de experiência, procura-se, explica João Luís Jesus, esclarecer pontos que não estão a ser funcionais, dada a existência de cursos de primeiro ciclo com três, quatro, cinco anos... O que tem levantado dúvidas sobre os tempos de utilização de insígnias pessoais (fitas, grelo, cartola). Outra reflexão prende-se com o próprio funcionamento do Conselho de Veteranos (CV), não apenas da estrutura em si mas também no agilizar da comunicação entre o CV e a comunidade académica. ◀



PRAXE SEM HUMILHAÇÃO E COM MIMOS A TURISTAS

Integração é palavra de ordem no acolhimento aos caloiros em Coimbra. A mensagem que professores, veteranos e alunos se têm esforçado por passar parece estar a dar resultados [Páginas 4 e 5](#)
